



O QUE LEVAR DA *COP29*

beon
FSB holding

seita.
FSB holding

The Nature
Conservancy 
Brasil



QUEM SOMOS



A Seta Solutions é a empresa de public affairs e inteligência governamental da FSB Holding. Seu propósito é ampliar o diálogo institucional entre os vários atores da sociedade civil e o poder público de modo a melhorar o ambiente de negócios no Brasil.



A Beon ESG é a consultoria em sustentabilidade e estratégia ESG da FSB Holding. Liderada por Danilo Maeda, a consultoria oferece metodologias e projetos sob medida com foco na geração de valor compartilhado para apoiar as jornadas de sustentabilidade dos clientes, com impactos socioambientais positivos e mitigação de riscos, de forma alinhada ao negócio.



A The Nature Conservancy (TNC) é uma organização de conservação ambiental dedicada à proteção das terras e águas das quais toda a vida depende. Guiada pela ciência, a TNC cria soluções locais inovadoras para os principais desafios do mundo, de forma que a natureza e as pessoas possam prosperar juntas. No Brasil, onde atua há 35 anos, o trabalho da TNC concentra-se em solucionar os complexos desafios de conservação da Amazônia, Cerrado e Mata Atlântica a partir de uma abordagem sistêmica, com foco na implementação e geração de impacto, para mitigar as mudanças climáticas e a perda da biodiversidade.

A COP29



A Conferência das Partes da UNFCCC, em seu 29o evento, pode ser reconhecida como a COP do atraso e da não entrega sobre o que prometeu. Prevista para encerrar na última sexta-feira, dia 22 de Novembro, ela se estendeu por cerca de 30 horas, finalizando na madrugada de domingo no horário de Baku. E, digamos, finalizada sem um texto que apresentasse um contentamento entre todas as Partes ali presentes.



Contagem regressiva para a COP30



Nos corredores ao longo das duas semanas do evento, o assunto principal era a Nova Meta Coletiva Global Quantificada (NCQG na sigla em inglês), onde havia a expectativa da cifra de 1.3 trilhões de dólares por ano, quantia para apoiar e fortalecer ações de mitigação e adaptação nos países em desenvolvimento e menos desenvolvidos. Até pressão do outro lado do Atlântico, por meio da Declaração dos Líderes do G20, era esperada para encorajar os países a apresentarem o mapa do caminho para seguirmos com os objetivos do Acordo de Paris. A decisão finalmente adotada convoca todos os atores (não apenas os países ricos, com responsabilidades históricas sobre a crise climática) a trabalhar juntos para alcançar um financiamento anual de pelo menos USD 1,3 trilhão até 2035 para os países em desenvolvimento. Os países desenvolvidos têm a responsabilidade de liderar, com uma meta de pelo menos USD 300 bilhões anuais, mas a alocação específica de financiamento público não foi concretizada. A decisão também sugere que países em desenvolvimento contribuam voluntariamente e enfatiza a necessidade de reduzir custos de capital e triplicar os fluxos de financiamento de determinados fundos até 2030. Apesar do consenso proclamado pelo Presidente da COP, alguns países, como Índia e Bolívia, expressaram objeções à adoção da decisão, mas a sessão seguiu, mantendo a decisão aprovada.

Na tentativa de ser otimista, um item de agenda prometido e entregue nessa COP foi a finalização das regras de funcionamento do mercado de carbono global, o conhecido Artigo 6. Era um dos itens mais importantes da agenda, e que há nove anos aguardava uma definição, como uma ferramenta de cooperação entre países para que alcancem suas metas de redução de emissões de gases de efeito estufa. As partes reconheceram a adoção de requisitos para a aprovação de metodologias de remoção de gases de efeito estufa, permitindo a emissão de créditos a serem transacionados no mercado. As negociações sobre abordagens cooperativas para a transferência internacional de resultados de mitigação também avançaram, resultando em um rascunho de decisão mais conciso. Embora uma proposta de conexão entre a UNFCCC e a Convenção sobre Diversidade Biológica não tenha sido aceita dentro do texto sobre as abordagens não mercadológicas, a decisão enfatizou a importância de desenvolver ações que promovam a conservação da biodiversidade e o desenvolvimento sustentável.

A falta da entrega de uma meta adequada e ambiciosa de financiamento climático pode impactar diretamente na elaboração das Contribuições Nacionalmente Determinadas dos países, as NDCs. Sem garantia de apoio financeiro, países podem não apresentarem suas ações mais ambiciosas, que deverão ser submetidas a UNFCCC até o fim do primeiro trimestre de 2025. Cabe agora, a liderança brasileira para a COP30, pressionando para um novo rumo das ações climáticas e que realmente sejam condizentes com a crise que enfrentamos globalmente.





Brasil na COP29

Protagonismo e Desafios rumo à COP30 em Belém



O Brasil encerrou sua participação na COP29, realizada em Baku, Azerbaijão, com a responsabilidade de liderar a próxima COP, que será realizada em Belém, no Pará, em 2025. Durante a plenária de encerramento, a ministra do Meio Ambiente e Mudança do Clima, Marina Silva, destacou a importância do momento, ressaltando a responsabilidade e os desafios que o país assume ao sediar o evento.

Na COP29, o Brasil reafirmou seu compromisso com a luta global contra a crise climática, destacando iniciativas como a Missão 1,5°C, que busca limitar o aquecimento global e garantir um futuro sustentável. Contudo, a conferência foi marcada por frustrações entre países em desenvolvimento, especialmente devido ao baixo compromisso financeiro assumido por nações desenvolvidas.

Ao receber a presidência da COP30, o Brasil assume uma posição central nas discussões climáticas globais. A escolha de Belém como sede é carregada de simbolismo, dado o papel crucial da Amazônia no equilíbrio climático do planeta. No entanto, a localização também traz desafios logísticos, climáticos e estruturais.

Entre os principais desafios rumo à COP30 estão os impactos do fenômeno La Niña, que pode agravar eventos climáticos extremos, como cheias na Amazônia, demandando ações coordenadas de mitigação e adaptação; a necessidade de melhorias na infraestrutura e logística de Belém, com investimentos de quase R\$ 5 bilhões para receber líderes globais, cientistas, representantes da sociedade civil e empresários; a ampliação do financiamento climático, com o Brasil liderando negociações para garantir mais recursos destinados ao enfrentamento da crise, especialmente para países em desenvolvimento; e a promoção de inclusão e cooperação, conforme destacado por Marina Silva, com a integração de povos tradicionais, comunidades locais e governos no combate às mudanças climáticas



Fonte: Bloomberg Línea



A Ministra do Meio Ambiente também classificou a COP30 como a "COP das COPs", dada a importância do evento para consolidar compromissos climáticos globais. O objetivo é avançar em NDCs (Contribuições Nacionalmente Determinadas) ambiciosas e garantir os recursos financeiros necessários para implementar ações de mitigação e adaptação, em especial após os avanços tímidos da COP 29.

A ministra também destacou a importância de reconstruir valores como solidariedade, cooperação e confiança, essenciais para o sucesso da conferência. "Precisamos aprender com as fiandeiras da Amazônia e com todos os povos tradicionais do mundo que devemos fiar e confiar para garantir um futuro melhor para todas as formas de vida, inclusive a nossa", afirmou.

Para o Brasil, a COP30 representa uma oportunidade histórica para reafirmar sua liderança na agenda climática global, com o mundo voltado para a Amazônia.

Há grande expectativa de que a conferência será um marco na busca por soluções concretas e no fortalecimento dos compromissos éticos e políticos entre os países. Belém exigirá do Brasil uma postura firme e articulada para conduzir esse diálogo global. Com a contagem regressiva já iniciada, as expectativas são altas para que o país esteja à altura do desafio e promova uma COP transformadora em 2025.

Em carta aberta, servidores do Itamaraty já destacaram que o evento, apesar de ser uma oportunidade de reafirmar a liderança climática do Brasil, expõe fragilidades como a falta de pessoal, infraestrutura inadequada e limitações orçamentárias. O Itamaraty conta atualmente com pouco mais de 3 mil servidores, número inferior ao de outros países como França (17 mil) e EUA (30 mil). Problemas incluem dependência de recursos pessoais, infraestrutura tecnológica defasada e espaços insuficientes para reuniões multilaterais. Além da COP30, o Brasil também presidirá os Brics em 2025, com foco em temas como transição energética e reforma da governança global.



O mundo precisa de ambição, adaptação e implementação

Com atraso (como já aconteceu nos últimos anos), as negociações da COP29 em Baku, no Azerbaijão, chegaram a um fim. Apesar da comunicação oficial da UNFCCC tratar o acordo da nova Nova Meta Coletiva Quantificada (NCQG) como uma vitória, é basicamente consenso a cifra acordada que foi frustrante. O compromisso assinado foi de USD 300 bilhões por ano a serem aportados pelos países ricos para financiar a mitigação e adaptação no Sul Global.

Apesar de triplicar a promessa anterior, o valor não chega a um terço do que seria necessário para as transformações necessárias ao atingimento do objetivo do Acordo de Paris, que é limitar o aquecimento global a 1,5 °C em relação a níveis pré industriais, limiar que pode evitar tragédias climáticas de proporções gigantescas.



Danilo Maeda

Diretor Geral Beon ESG

OPORTUNIDADES PARA

Além disso, como a maior parte dos recursos será transferida como empréstimos e não como doações, há a perspectiva de que as urgentes e inescapáveis transição energética e adaptação às mudanças climáticas gerem ainda mais pressão econômica e social para os países em desenvolvimento, que possuem pouco (ou nenhum) espaço orçamentário para investir em resiliência de infraestrutura e transformação de suas matrizes energéticas, uma vez que necessidades sociais básicas por vezes estão desatendidas.

Se gostasse de eufemismos, diria que o cenário é desafiador. Mas precisamos lidar com a realidade dos fatos: o cenário é catastrófico, com crises de grandes proporções à frente e sem perspectivas concretas de mudança, dado uma geopolítica global em crise de liderança, e aparentemente sem qualquer senso de responsabilidade e visão de futuro compartilhado.

O mundo caminha para um aquecimento consideravelmente acima dos 1,5°C, o que significa que devemos presenciar ainda mais eventos extremos, secas, inundações, elevação do nível do mar, perda de biodiversidade, migrações climáticas e diversos outros impactos sociais e econômicos sem precedentes - segundo uma pesquisa do Instituto Potsdam para a Pesquisa do Impacto Climático, teremos uma redução de um quinto do PIB global em 2050 (cerca de US\$ 38 trilhões ou R\$ 200 trilhões) por conta das mudanças climáticas.

E o que isso representa para o setor privado? Em primeiro lugar, a necessidade urgente de adaptação. As mudanças climáticas não são uma tendência, mas uma realidade com impactos concretos e relevantes para virtualmente todo e qualquer negócio. Dessa forma, é necessário mapear os riscos e impactos a que cada organização está exposta e se preparar para eles.

Adicionalmente, é necessário estabelecer compromissos consistentes e corajosos, para suprir parte da falta de ambição vinda das negociações soberanas. Isso será importante tanto do ponto de vista do impacto direto que a mitigação climática corporativa pode trazer quanto do exemplo a ser dado e da pressão política e educação social que precisam ser exercidos para reverter a tendência nas mesas e gerar o senso de urgência ainda não assumido - mesmo após tantos anos de debates.

Por fim, diante de todo esse contexto, vale destacar que a COP30, a ser realizada em Belém/PA, ganha ainda mais importância. Ela poderá ser o marco da reversão de tendência nas emissões de gases de efeito estufa e da mudança de conduta das lideranças globais. Mas para que a conferência seja de fato um sucesso, é preciso entender que ela já começou. Temos pouco tempo para criar o ambiente adequado de pressão social e política em direção a compromissos, ambições e ações concretas mais fortes e mais rápidas. E para preparar os negócios para efetivamente fazer sua parte, não só em suas operações e cadeias, mas também com um senso ampliado de responsabilidade social.

The graphic features a large, bold, white sans-serif font spelling 'COP30' centered over a vibrant, abstract background. A diagonal band of color, transitioning from deep blue at the top to bright yellow and orange at the bottom, cuts across the image. The background also includes a depiction of a turbulent sea with white-capped waves under a dark, stormy sky with visible lightning bolts. The overall composition is dynamic and visually striking, emphasizing the urgency of the climate summit.

COP30

Acompanhe as redes sociais da Seta e Beon ESG e fique por dentro de todas as discussões da COP29.

Para quaisquer dúvidas, sugestões ou esclarecimentos, entre em contato. Se quer saber como sua empresa pode estar na COP30, contate já nosso time.



Acompanhe as redes sociais da Seta e Beon ESG e fique por dentro de todas as discussões da COP29.

Se antecipe e conheça mais sobre a COP30, leia nosso ebook disponível [neste link](#) e converse com nosso time de especialistas



COP29
Baku
Azerbaijan
UN CLIMATE CHANGE CONFERENCE

beon

FSB holding
—

<https://www.beonesg.com>

[@beon.esg](https://twitter.com/beon.esg)

seta.

FSB holding
—

<https://www.setasolutions.com.br/>

[@setasolutions](https://twitter.com/setasolutions)